



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**A “INSERÇÃO” DA MULHER NA FOLIA:
DA PLAUSIBILIDADE MÍTICA À REALIDADE OU
DA REALIDADE À PLAUSIBILIDADE MÍTICA?**

GT 7: RELIGIÃO E GÊNERO EM ESPAÇOS PLURAIS

Andiara Barbosa Neder¹

¹ Mestra e doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientanda do Prof. Dr. Volney Berkenbrock. E-mail: andiaraneder@yahoo.com.br

Introdução

A pesquisa se insere no contexto de Leopoldina, pequeno município mineiro onde a Folia de Reis se mostra vigorosa e expressiva. O objetivo deste artigo é perscrutar, a partir da trajetória de vida de mulheres leopoldinenses, como se deu e se consolida a “inserção” da mulher no universo falocrático da Folia de Reis, lugar onde sempre esteve inserida mas sempre invisibilizada. Importa compreender como os mitos e seus desdobramentos produzidos pela sabedoria popular e já cristalizados na memória coletiva, definem, autorizam e justificam alterações realizadas na dinâmica da festa. Basta saber qual é a direção desse movimento: se ele parte de uma necessidade da realidade e encontra uma lacuna no mito, permitindo que determinada modificação seja plausível ou se a lacuna no mito é que abre a possibilidade para as mudanças. É relevante salientar que essas alterações, que acenam um embrionário empoderamento feminino nesse ambiente historicamente dominado pelo homem, caminham à margem da instituição católica, como a própria festa. O que chama atenção nesses movimentos é a postura da Igreja em apoiar a autonomia da mulher, desde que não altere qualquer elemento de sua estrutura hierárquica.

O método utilizado nesta pesquisa está balizado pela observação participante. Através dela o pesquisador experimenta pessoalmente o fenômeno que se propõe a estudar e o contexto no qual ele está inserido. Submerso nas teias de relações que cercam o seu objeto de estudo, fica mais fácil dominar os códigos e linguagens específicos do universo simbólico que determina e define o fenômeno a ser analisado assim como também é afetado por ele. Destarte, a observação participante se mostra eficiente na tarefa de interpretar e compreender o fenômeno de acordo com o mundo simbólico no qual se insere.

O conceito semiótico de cultura apresentado por Geertz (2008, p.10) como “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis” é o conceito que baliza esta pesquisa. Diante disso, o pesquisador deve estar atento a essa teia de significações e suas possíveis análises. Ciente de que a fonte do conhecimento antropológico é a realidade social e o trabalho do etnógrafo é realizar uma descrição densa, não deve somente descrever o vivenciado, mas sim interpretar a realidade e compreender o material simbólico que ela sustenta em busca de seus significados (GEERTZ, 2008, p.12). A partir da observação participante se tem a possibilidade de “dominar, pela vivência, a linguagem e os códigos que orientam o comportamento coletivo e atribuem sentido e plausibilidade às experiências que lá são observadas” (PROENÇA, 2008, p.31).

É a partir desse método que estudo e analiso o contexto da Folia de Reis. Com base nessa observação e nas conversas e entrevistas, posso aferir que a mulher não se insere atualmente nele

e tampouco se inseriu no passado, na verdade ela sempre esteve intrinsecamente absorvida por ele, porém invisibilizada.

1. Legitimidade mítica: à margem da legitimidade católica

Dizer inserção da mulher neste universo, apesar de a primeira vista parecer um apontamento pouco problemático, já que as folias não são compostas *naturalmente* por mulheres, se torna inverossímil na medida em que se compreende melhor a dinâmica das engrenagens que possibilitam os giros. Desde os primeiros grupos que se formaram em Leopoldina, para ser mais precisa, desde o surgimento da Folia da Serra (Folia dos Medeiros), a mais antiga que se tem notícia, datando seu surgimento de 1816, a mulher sempre esteve inserida neste universo. Mais que inserida, muitas vezes ela era quem promovia os giros. Sabe-se que as mulheres são mais assíduas nos ambientes e nos trabalhos religiosos que os homens. Birman (1996, p. 207) assevera que há uma predominância nítida de mulheres nos assuntos religiosos. Observa que em função de “uma clássica divisão de trabalho entre os sexos, caberia, pois, às mulheres as lides religiosas e o trabalho doméstico bem como o cuidado das relações familiares” (BIRMAN, 1996, p. 207). Dessa forma, elas na maioria das vezes faziam a promessa para os Santos Reis e pagava oferecendo o almoço. Quando chegava a visita da folia de surpresa, era ela quem ia fazer a broa e o café. A comida, que tem centralidade na manifestação, na maioria das vezes, fica a cargo da mulher. Quando canta na Igreja, ela quem decora e prepara o ambiente para receber os foliões. Sem contar o trabalho de costura dos uniformes e bandeira. Além dos ornamentos dos instrumentos e dos chapéus, que se transfiguram em coroas depois de montados pelas mãos femininas, muitas das vezes. Diante disso, é possível pensar no protagonismo de quem fica nos bastidores a fim de entender a centralidade da mulher nessa manifestação desde seu surgimento. Por isso dizer que hoje a mulher se insere nesse universo não é uma afirmativa verdadeira, pois ela sempre esteve envolvida, mas importa dizer que hoje ela ocupa lugares a ela sempre negados. Agora ela não só protagoniza nos bastidores, mas também entra em cena como dona da Folia, como foliona e como bandeira. E quem sabe, num futuro próximo, não a veremos como palhaça, contramestra e mestra?

Partindo do giro de 2017, relatarei a minha reinserção nesse universo, seguindo a Folia dos Colodinos e a Folia da Luiza (Folia Anjo Rafael). Optei pelos Colodinos por saber que quem sustentava a cena toda era uma mulher que estava nos bastidores, mãe e madrasta dos atuais foliões que põe o grupo em giro. E a Folia da Luiza por se tratar de um grupo liderado por uma mulher e que possui componentes do sexo feminino participantes do cortejo.

Início o relato pela Folia dos Colodinos. No dia 4 de Janeiro de 2017 fiquei sabendo por acaso que teria um Encontro de Folias² no bairro Boa Sorte. Quando cheguei no local indicado pude perceber que não era um encontro, tinha apenas uma folia se apresentando. Já na varanda pude reconhecer alguns rostos e uniformes familiares. Sem saber previamente, fui assistir a Folia dos Colodinos em um dia que nem tinha marcado pesquisa de campo, era somente por diversão mesmo. Ao entrar no ambiente festivo fui calorosamente recebida pelo Seu Jerônimo e pelo Seu Didi, que são foliões antigos dos Colodinos e por quem tenho muito carinho. Eles me apresentaram à Matilda, dona da casa, que também me recebeu muito bem, como prega a hospitalidade mineira.

Na casa de Matilda, conversei um pouco com o folião Aurélio, filho caçula de Juca Colodino. Conte para ele sobre meu interesse a respeito da Folia de Reis e sua relação com as mulheres. O folião me respaldou miticamente sobre a plausibilidade da presença feminina nas Folias de Reis, dizendo que isso tem um fundamento baseado na viagem dos Reis do Oriente ao encontro do menino Jesus. Segundo sua versão, quando os Reis Magos estavam em viagem encontraram em uma encruzilhada as três Marias. Elas indagaram aos Reis onde eles estavam indo, esses por sua vez lhes contaram que estavam indo adorar o Salvador. As três Marias disseram que gostariam de adorar o Salvador também, mas não tinham o poder de adoração e pediram para acompanhá-los e eles aceitaram a companhia. Daí se explica a presença feminina como aceitável nas folias. Porém essa passagem não se encontra na Bíblia. Aurélio acrescenta que o fundamento da folia não está só na Bíblia, mas também, e talvez mais relevante, no conhecimento popular. Daí pode-se notar o predomínio da tradição oral nesse contexto, que se mostra mais eficaz que a escrita.

Tomando por base a diversidade de histórias contadas oralmente e que são derivadas de um mito fundante, pode-se dizer que elas surgem a partir da dinâmica da criatividade popular e que essa dinâmica é movida por demandas. No caso da Folia de Reis a criatividade popular preenche as lacunas deixadas por essa passagem bíblica que é tão breve e ao mesmo tempo tão importante para os foliões. A história acima apresentada, que versa sobre o encontro das três Marias com os Magos, surge a partir de uma necessidade de se explicar, conforme a tradição, a presença de mulheres no cortejo da folia. Importa salientar que a tradição se pauta nessas histórias que se disseminam oralmente e que percorrem grupo a grupo. Essa narrativa, que de uma forma ou de

² Hoje os Encontro de Folias são eventos festivos em que vários grupos são chamados para se apresentar, celebrando um clima pacífico, sem duelos ou disputas. Diferente dos antigos Encontros de Folia, que serão explanados adiante.

outra e mesmo sem intenção clara, se mostra um combate a misoginia, é uma forma de provar como a tradição é fluida e se adapta às circunstâncias que lhe são colocadas. É assim que ela permanece, se modelando e não se tornando uma barreira intransponível. Quando a mulher começa a ter autonomia, a ganhar espaço na sociedade e visibilidade na esfera pública, alçando voos para além da esfera privada, ela passa a ser aceita em grupos antes inacessíveis à sua condição feminina. Neles, muitas vezes, elas realizam atividades que contribuem de maneira efetiva para o desenvolvimento do grupo e portanto sendo elemento importante e bem querido. Se ela traz benefícios, ela deve permanecer, se ela deve permanecer ela tem que ser respaldada não só pelos foliões, mas também pela tradição. É dessa maneira que surgem essas narrativas, como uma necessidade de preencher uma lacuna de forma permanente e sem oferecer margem para contestações.

Steil (2001 p. 30) aponta que essas narrativas, longe de serem entendidas como mentira, são produtoras de verdades e por meio delas a memória de determinado grupo social é guardada e seus comportamentos e valores prescritos. Além disso, a partir da repetição dessas histórias, ou seja, através da oralidade, as novas gerações são inseridas no contexto desse grupo. Aprendem os costumes, dominam seus códigos e são paulatinamente cultivados para a sensibilidade dominante. Esta prevê, no contexto da Folia de Reis, que toda e qualquer alteração deva necessariamente ser confirmada miticamente para se tornar oficial e ter credibilidade. Somente uma narrativa baseada no mito fundante pode produzir uma verdade que faça sentido para esse grupo social, que tenha aderência nesse contexto social e se insira na sensibilidade dominante de forma fluida.

A narrativa das três Marias justifica a inserção da mulher não só na folia mas também nos rituais e cortejos, e autoriza sua respectiva contribuição. Porém, ainda que autorize e justifique a inserção da mulher, na história contada ainda há traços da cultura androcêntrica na qual nos inserimos. Quando Aurélio afirma que as três Marias não tinham o poder de adoração, quis dizer que elas não seguiram os Magos por não saberem o caminho, mas por dependerem deles para adorar o Menino. O que sugere uma relação de dependência da mulher em relação ao homem.

Não se pode negar que o fato de a autorização ter sido dada e justificada já é um sinal dos tempos, já pode ser analisada como uma mudança. O que deve ser compreendido é que as mudanças na sociedade acontecem de forma gradual e no contexto religioso, pelo menos no católico, isso se dá de maneira mais lenta. Seguindo a linha de análise proposta por Cruz (2013), pode-se pensar que a Igreja Católica vive hoje uma contradição insolúvel por enquanto. Pois mesmo que a Igreja incentive a inserção das mulheres nos espaços públicos e a conquista gradual de sua autonomia, dignidade, empoderamento e o conseqüente fim de sua posição de inferioridade e

subserviência em relação aos homens, por outro lado ela não coloca em prática o que suscita, mesmo dentro da sua própria estrutura. Segundo Cruz (2013, p. 101),

surge a contradição de, por um lado, incentivar e despertar a atuação das mulheres nos espaços públicos, mas por outro lado, não lhes dar suporte, além de não propiciar mudanças mais significativas dentro da sua estrutura hierárquica. Faz poucas alterações no sentido de as incluir nas esferas do poder eclesial.

Assim, parece que a Igreja incentiva as mulheres da seguinte forma: empoderem-se, mas não aqui! O que pode soar de forma desmotivante aos ouvidos femininos ou até mesmo envolvido por uma falsidade perversa. Pois no momento de agir como no discurso propagado, de dar meios às mulheres de conquistar a igualdade de gênero almejada pelo menos no seio da Igreja, ela continua cerceando o poder delas no interior da hierarquia e delegando a elas apenas atividade de menor importância que não envolvam o exercício pleno do poder. Por isso Cruz (2013, p.20) assevera: “Considero que a desigualdade de gênero persiste, que a Igreja continua determinando tarefas subalternas à mulher e que o exercício do poder pelas mulheres é diferente do exercício pelos homens.”

Além de delegar à mulher apenas atividades menos relevantes, a Igreja justifica seu empenho insuficiente na atuação de retirar a mulher de situações de opressão e dominação em interpretações e citações de narrativas bíblicas. Cruz (2013, p. 65) contribui afirmando que

O fato de constantemente reafirmar que o homem nasceu primeiro e a mulher foi tirada da costela de Adão, que foi ela quem levou o homem a pecar e que Jesus só escolheu homens para seus discípulos, pode sugerir que essas passagens bíblicas, sem levar em conta o contexto e as simbologias, mantêm a mulher submissa, subserviente e dominada.

Dessa maneira, admite-se como natural a posição de inferioridade ocupada pela mulher na sociedade, na Igreja e em todos os setores em que ela atua, seja na esfera pública ou privada.

Portanto, observar no cenário leopoldinense (considerando ser uma cidade pequena no interior de Minas Gerais) a dinâmica da inserção da mulher em posições nunca antes por elas ocupadas, não parece algo de pouca importância dada a morosidade com que as mudanças ocorrem numa cidade predominantemente católica e marcada por um forte passado escravocrata.

2 Folia dos Colodinos: hierarquia da sabedoria ou do gênero?

É importante salientar que as primeiras alterações, por menores e mais sutis que sejam, não são tão recentes quanto seus resultados aparentes. No passado já existiam mulheres dedicadas à folia,

não só no setor de serviços (como preparar a comida no qual a mulher sempre teve centralidade), mas também no campo das sabedorias, o que gera poder. Um exemplo foi dona Belmira, esposa de Juca Colodino, mãe dos filhos mais novos dele e filha de um estimado mestre e dono de Folia da região, o conhecido e temido Sebastião Maceno.

Na noite de 5 de janeiro de 2017 fui acompanhar o giro da Folia dos Colodinos. A folia demorou um pouco para começar a tocar na primeira casa visitada, esperando todos os foliões chegarem. Enquanto esperávamos, conversei muito com os foliões e com as esposas deles. Nessas conversas fiquei sabendo mais detalhes sobre Belmira. Dona Ceição, esposa de Seu Dimas, filho de Juca, comentou comigo que sua sogra, sabia muito dos fundamentos da folia e nesse sentido seus conhecimentos superavam o de qualquer folião. Quando alguma folia visitava a casa de Belmira, Dona Ceição diz que os foliões ficavam com medo, principalmente o mestre, porque se ele cantasse alguma profecia errada, ela parava na hora e corrigia. Não devia ser uma situação confortável para um mestre folião, ocupando o topo da hierarquia de uma folia, ser corrigido por uma mulher, numa época em que a mulher não devia ter voz nem vez. O que empoderava Belmira era o conhecimento acerca dos fundamentos da folia. Isso a insere num quadro bastante interessante de autonomia e poder dentro do seu contexto, e era respeitada por isso. Dona Ceição acrescenta que era a Dona Belmira, como ela se refere à sogra, que ensinava aos filhos tudo sobre Folia de Reis: versos, procedimentos rituais, postura, etc. Toda essa desenvoltura no universo da Folia se explica pelo fato de ela já ter nascido inserida em uma família de foliões e vivenciado desde criança tudo que se relacionava com a festa e a devoção. Seu pai, Sebastião Damaceno, mais conhecido como Seu Maceno, era um grande mestre folião. Seus netos e bisnetos, que hoje compõem a Folia dos Colodinos, gostam de repetir seu nome e frisam que ele era o rei dos foliões.

Segundo os integrantes da Folia dos Colodinos, Seu Maceno era temido na cidade por conta de suas habilidades com as forças sobrenaturais. Afirmam que ele desafinava instrumentos só de olhar, rouquejava foliões em Encontros de Folias e se ele não quisesse ser visto, as pessoas simplesmente passavam por ele sem notar sua presença. Percebe-se que por conta de sua desenvoltura com o sobrenatural ele era temido e respeitado e essas habilidades são atribuições que um mestre de folia deve apresentar para exercer sua função plenamente. Por isso eles dizem que o avô era o rei dos foliões.

Seu Maceno era um homem analfabeto e, segundo os foliões, tinha em mente mais de três mil versos decorados. Belmira, que só tinha a segunda série primária, mas ótima caligrafia, era quem organizava de maneira escrita os versos novos a fim de ajudar o pai na tarefa de decorar.

Ela escrevia para não esquecer e depois repetia para que ele pudesse guardar em sua memória. O esforço individual do mestre é evidente, porém não é solitário. Seu Maceno guardava o saber apenas na memória e seu aprendizado se dava a partir da oralidade. Método este em que “a métrica das palavras, seu caráter versejado, parece ser elemento importante para entendermos a memorização de grande quantidade de informação” (CHAVES, 2003, p. 67). E foi assim que Belmira se interessou por folia, e que aprendeu tantos versos e tudo que os foliões dos Colodinos sabem. Segundo seu neto, filho de Aurélio, o Juca era um bom administrador da folia, mas ela sabia muito mais que ele.

No passado existiam muitos Encontros de Folia e Belmira prevenia seus filhos a respeito disso. Matilda fala em entrevista sobre um Encontro de Folia que presenciou quando era criança, que vale a pena explicar aqui para compreender o nível de responsabilidade e de conhecimento que as folias tinham que ter para sair em giro no passado:

Matilda: Aquilo eu não fiquei sabendo até hoje: se é porque eles quis encontrá ou se encontrô sem sabê... aí eles ficaro mais de 4 ou 5 horas debatendo um cum outro pra vê quem era o melhó. Aí aquele qui num subé mais respondê, aí perde.

Entrevistadora: Perderam a bandeira, né

Matilda: Perdero a bandeira. Aí eu num sei falá quem era, sabe? Qual fulia, de quem que era o dono das fulia...

Entrevistadora: E tinha briga mesmo, ou era só de palavras mesmo?

Matilda: não. Só de palavra.

Entrevistadora: É né... não saía...

Matilda: O paião tamém

Entrevistadora: O palhaço também? Um palhaço com o outro? Da folia...

Matilde: Isso aí nós via o dia interim, dia interim.³

De acordo com o relato de Matilda, esses Encontros às vezes inesperados, e por muitas folias também temidos, eram comuns e muitas vezes desgastantes. Enquanto houvesse sabedoria das profecias do mestre e dos palhaços o duelo continuava. Ninguém desistia do debate por preguiça, versavam até esgotarem seus conhecimentos. Representava uma vergonha perder a bandeira e os instrumentos por falta de conhecimento das profecias e quem parasse primeiro seria encarado como inferior, perdedor e voltava para casa desmoralizado, sem bandeira e instrumentos e sem condições de terminar o giro daquele ano. O que era pior, pois assim se tem uma dívida com os santos e com os devotos. Com os santos, por não se concluir o giro, sem a Entrega da

³ Entrevista com Matilda em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

Bandeira⁴ não há conclusão. E com os devotos, por terem confiado o seu pedido à bandeira daquela determinada folia, que foi confiscada pelo grupo opositor. Encerrar um giro sem a Entrega da Bandeira é como não cumprir uma missão da folia, e não é aconselhável deixar missão inacabada. Matilda conta que seu primo, era palhaço de folia e não cumpriu os 7 giros nessa função, que todo palhaço deve que cumprir. Ele sofreu um acidente e ficou manco de uma perna. Matilde deixa claro que não sabe se é por conta disso, mas insinua que desconfia que seu acidente seja um reflexo da não conclusão de sua missão, pois ele sofreu o acidente em um 24 de dezembro, justamente em dia de início de giro. Em entrevista ela conta:

Matilda: Porque ele já foi paião e ele não terminô, não terminô

Entrevistadora: os versos todos que tinha que falar?

Matilda: Não. São sete ano. Que se ocê entrá pruma fulia, pra acompanhá, é sete ano. Você não pode saí.

Entrevistadora: Ah tá. É missão

Matilda: E ele não cumpriu os sete ano

Entrevistadora: o seu primo?! Mas ele já sabia falar aqueles versos todos do cruzeiro?

Matilda: Não, ele sabe tudo, ué, ele sabe tudo! Só num continuô! Ele parô porque, um ano ele não foi num sei porque. Porque tava trabaiano lá prus lado do Espírito Santo. No otro ano ele num foi. No otro ele num foi. No outro ele caiu de cima da lage e anda hoje manquetano... [começa a falar mais baixo] pode ser até porque... né

Entrevistadora: ahhh... porque ele não cumpriu ...

Matilda: com a promessa dele. Então hoje ele é assim: ele ajuda, ele quis que fizesse a janta, a gente faz, sabe!?

Entrevistadora: Mas ele acha que pode ter sido por isso? Por ele não ter cumprido os sete anos?

Matilda: Não... a gente num tá falano que é... mas...

Entrevistadora: Né?! Porque se não cumpriu né...

Matilda: E ocê sabe que dia que ele caiu?

Entrevistadora: Hãn?

Matilda: Véspera de Natal

Entrevistadora: Ahhh!!! [espanto] parece uma coisa né?!

Matilda: Parece...⁵

A ideia que ela transmite é que não se pode afirmar que a queda teve um motivo ligado a questões religiosas, mas também não se deve duvidar. Esse relato não revela apenas uma opinião pessoal de Matilda, mas na voz dela se expressa uma ideia construída coletivamente. Sobre isso,

⁴ Entrega da Bandeira é o evento de encerramento do período de giro de cada ano. Geralmente, com as espórtulas colhidas nas casas visitada, se faz a festa de encerramento, com um belo e longo ritual dividido em partes bem definidas, e concluído com um jantar farto, que serve foliões e assistência.

⁵ Entrevista com Matilda em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

Schmidt e Mahfoud (1993, p. 295) sinalizam que

A observação do caráter plural da narrativa abre a possibilidade de escutar um depoimento pessoal como a orquestração de vozes coletivas, posta em cena pelo narrador. Isto é importante não tanto porque se apreendem as relações sociais através da fala do indivíduo, mas, principalmente, porque se apreende o modo como a experiência do indivíduo é modulada, matizada, dentro daquele quadro social.

A perda da bandeira em giro é um fato tão vexatório e perigoso aos olhos dos foliões porque o quadro social e o grupo de referência em que elas se inserem afirmam isso. Não se trata de uma opinião pessoal de Belmira ou de Matilda, mas uma vergonha e um perigo de não se cumprir a missão. O que segundo crença vigente nesse determinado grupo social, pode até gerar acidentes, como o explanado pela entrevistada e tantos outros que se delineiam como situações exemplares na interpretação dessas pessoas. Pelo temor de se deixar de cumprir uma missão da folia e passar por situações como essa vivida pelo primo da entrevistada, e pela vergonha de se perder a bandeira, os Encontros de Folia eram tão temidos.

Diante do perigo que os Encontros representavam, alguns foliões dos Colodinos afirmaram que Belmira lhes dizia que deveriam evitar os Encontros, mas se não tivesse jeito, deveriam mandar chamá-la. Isso porque ela detinha o conhecimento das profecias ditas por seu pai e dessa maneira, com ela do lado seria difícil perder. O que mostra a sua eminência nos conhecimentos sobre folia.

Apesar do papel fundamental dessa mulher no aprimoramento do conhecimento das profecias de Seu Maceno, e sua centralidade na formação dos novos foliões do grupo de seu marido Juca, o nome dela parece não merecer destaque na fala dos foliões. Tenho contato com a Folia dos Colodinos desde 2010. Fiz entrevistas com seus foliões e ouvi muito em conversas informais, nas quais também colhia informações valiosas, e em apenas uma conversa ouvi os foliões falarem da matriarca, mas sem dar nome ou ênfase em sua figura. Apenas neste ano quando precisei investigar essa figura, me foi revelado seu nome e mais informações a seu respeito. Dessa forma, é possível pensar que apesar de toda sua sabedoria, seu mérito não é afirmado com facilidade, por ser mulher em uma época em que a elas não era dado o direito de participar da esfera do saber que gera poder.

Destarte, Belmira é uma figura interessante de se investigar, pois ela não se enquadra em um recorte temporal coerente com suas atitudes autônomas nesse cenário conservador no qual viveu e atuou. Não se enquadra em um continuum metodológico, em que os pesquisadores possuem o mau hábito de adequar seus objetos de investigação. As atitudes

de Belmira transcendem a noção de quanto mais antigo o tempo mais invisibilizada era a mulher e sua atuação, assim como seus saberes, que deveriam ser negligenciados diante do saber masculino, ainda mais no contexto da Folia de Reis, onde os homens dominam por tradição. No seu tempo, o padrão de mulheres seria o de seres dóceis, passivos, calados, submissos a uma ordem falocrática maior. E por mais que soubessem sobre assuntos referentes ao universo masculino, o que não era comum, jamais lhe seria permitido falar sobre, corrigir um homem em público sobre aquele assunto que lhe é de direito manifestar. Um direito atribuído pela tradição e por ela mesma questionado, ou melhor, ampliado à participação feminina na atualidade.

3. Folia da Luíza: devoção não usa só calças

Percorrendo sem saber ou sem querer a trilha aberta por Belmira, pode-se citar outras mulheres leopoldinenses que ousaram falar, agir, contribuir e protagonizar os giros. Em um tempo diferente do vivido por Belmira, as mulheres hoje têm, pelo menos teoricamente, mais autonomia e acesso a vias a elas anteriormente negadas. Nesse sentido, mulheres como Luíza, puderam administrar, organizar e participar de grupos de Folia de Reis. O grupo Anjo Rafael, fundado por Luíza no dia 11 de novembro de 2009, nasce segundo a foliona, como uma brincadeira que deu certo. Sem pretensão, só mesmo como uma forma de mesclar fé e gosto, devoção e diversão. Mas logo a brincadeira exigiu algo mais oficial para prosseguir. É nesse momento em que Luíza cria um estatuto para a sua folia, que define as regras do grupo, e a registra como o nome Folia Anjo Rafael, embora todos a conheçam e se refiram a ela como Folia da Luíza.

Em entrevista, Luíza conta sua história de vida, evidenciando como nasce sua crença nos Três Reis. Na verdade, desde a mais tenra idade ela já tinha contato com Folia de Reis. Sua mãe era devota dos santos e fazia parte de uma equipe que preparava todos os anos o almoço dos Santos Reis para a Entrega da Bandeira da folia de um vizinho. Todos os seus irmãos homens foram foliões, seu tio era folião. Então tanto a manifestação quanto a fé nesses santos, eram naturais em sua vida. Foram absorvidos sem o esforço de um aprendizado formal, de maneira branda e natural.

Mas na infância, Luíza ainda não era devota. Foi se tornar já adulta, em um momento de aflição. O marido de Luíza sumiu, a deixando com três filhos para criar sozinha. Sua filha mais velha tinha apenas 8 anos quando o pai os abandonou, e o mais novo, aproximadamente 2 anos. Nessa época Luíza foi morar em um cômodo no quintal de sua irmã. Em apenas um cômodo ela tinha cozinha, quarto e banheiro, onde viviam ela e os três filhos. Ela conta que ela era tão pobre que procurava nos lixos a sola de chinelos que estivessem em bom estado e juntava com as correias de outros que já havia achado, para ela e as crianças terem o que calçar. Tinha dia em que eles não

tinham o que comer. Segundo a foliona foi um tempo muito difícil, pois além de toda a dificuldade financeira pela qual passava, sua irmã ainda era alcoólatra, e muitas vezes chegava de noite ou madrugada fazendo barulho, acordando as crianças e brigando com ela.

Foi nesse momento em que ela pensou consigo mesma: minha mãe tinha tanta fé nos três Reis, era tão devotada, será que eles também não poderiam me ajudar? Ela conversou com os Três Reis com muita fé e disse que se eles a ajudassem a cuidar de seus filhos em um lugar melhor e que fosse dela, ela receberia e ofereceria alimento a qualquer folia que batesse em sua porta por sete anos. Já no ano seguinte conseguiu sair do quintal de sua irmã. Mudou-se para um terreno que ela ganhou e onde construiu uma casinha pequena.

A primeira folia que bateu em sua porta depois da sua promessa, foi uma folia de crianças. Como folia de criança não gozam de muito prestígio por ser encarado como brincadeira e não como devoção, Luíza quase não abriu a porta. Mas se lembrou da promessa que dizia qualquer folia. Então abriu a porta para as crianças, fez todo o ritual e ofereceu suco aos pequenos foliões. Nos anos seguintes, sua situação financeira foi melhorando e até conseguiu comprar o terreno onde mora hoje. Nele construiu 2 casas (uma com a varanda ampla, na qual realiza a Entrega da Bandeira), um quarto de oração, onde funciona seu centro de umbanda, e ainda vai construir outra casa sobre a sua, para o seu filho morar. E continuou recebendo todas as folias que aparecessem por toda a sua vida, para além dos 7 anos. Hoje então ela possui dois terrenos com as casas e um carro, que ela diz que é velho mas é um carro. Criou seus três filhos sozinha, segundo ela, acabou de criar mais um, que hoje tem 26 anos e ainda adotou mais uma, Tamara, hoje com 4 anos, que a mãe entregou a ela quando a neném ainda estava em seu ventre com 6 meses de gestação. Com isso ela dá o seu testemunho e explica como nasceu a sua devoção aos Santos, aos quais sua mãe dedicava tanta fé.

Depois de muitos anos, com seus filhos todos adultos, em uma conversa de família com filhos e filhas, genros, netas e netos, nasceu a ideia de se montar uma folia. Luíza aceitou mas achou que não daria certo, pelo menos naquele ano não, pois já era outubro e eles não tinham nada. Em entrevista Luíza e Bento, seu genro, explicaram como nasceu a ideia:

Luíza: Nós todo junto conversano... pela minha fé

Bento: foi uma brincadeira...

Luíza: Cumeçaro a brincá cumigo qui nós vamo montá uma fulia. Mas é o tal negócio, né?! Dá tempo, né? [risos]

Bento: depois do dia 24 você vê muita fulia aqui em casa. A gente gosta muito de fulia. Aí a dona Luíza foi e brincô cum a gente ali, que tava sentado, olhano, pensano no que a

gente ia fazê, no final do ano. Aí ela falô: ô gente, qui ceis acha deu montá uma fulia? Aí eu olhei pu meu cumpadre, olhei pro Capacete, Sô Fi tava aqui embaixo da varanda... ah eu topo! Uai então vamo montá.

Luíza: Eu achei que não ia dá tempo, tava muito em cima...

Bento: Ceis topa memo? Topo. Então quem vai arrumá os negócio? Se a senhora fô arrumá a bandera, nós corre atrás dos instrumento.⁶

E assim Luíza arrumou uma estrutura para a bandeira, comprou tecido, tinha uma imagem bordada dos Santos Reis, costurou os enfeites e estava pronta. Levou em uma igreja para ser benta e o símbolo sagrado da folia já poderia sair em jornada. Em pouco tempo também, Bento já tinha os instrumentos principais da folia. Em 11 de novembro de 2009 nascia a Folia Anjo Rafael, registrada e com toda a documentação necessária. A documentação é importante por conta da autorização que a prefeitura concede às folias registradas de tocar música em bairros residenciais após às 22 horas. Sem essa autorização a folia pode ser impedida de tocar caso a polícia seja acionada. Beto afirma que certa vez um colega dono de folia foi até à casa de Luíza pedir sua documentação emprestada, pois a polícia foi chamada e sua folia não tinha autorização e nem registro. Bento diz que nem todo grupo possui a documentação correta e completa como a da Luíza, que na verdade é uma minoria que tem tudo organizado. E que apesar da folia deles ser a *caçula* da região, é a única que não falta nenhum documento. E com a Luíza a frente da folia mas com uma grande quantidade de integrantes da diretoria que a auxiliam em todas as questões, desde as burocráticas até as práticas, sua folia completa 8 giros. E este último tive a oportunidade de acompanhar mais de perto.

Seu grupo é composto em sua maioria por homens. Porém, conta com a participação de 7 mulheres, o que é um diferencial em um cenário em que as mulheres figuram nas funções de direção, mas se furtam da parte ritualística da manifestação. Outro fator interessante é que as netas de Luíza que tocam instrumentos de percussão, ou seja, os últimos tanto na escala hierárquica dos instrumentos musicais da folia, quanto no posicionamento físico do cortejo, fazem questão de acompanhar a resposta cantada lá da frente. Isso mostra que mesmo que elas tenham sido incorporadas em posições de menor importância por não saberem tocar instrumentos de corda e sanfona, elas se mostram aptas a ocupar até mesmo a função de cantadoras de frente⁷, por já conhecerem as profecias. Quando tive a oportunidade de ver meninas cantando os versos, em

⁶ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

⁷ Os cantadores de frente são os mais importantes depois das figuras do mestre e contramestre, pois eles conhecem as profecias, que são os versos que contam a viagem dos Três Reis ao encontro do Menino Jesus.

uma posição em que muitos foliões nem sabem o que está acontecendo lá na frente, tive a impressão que por serem mulheres queriam mostrar que não estão ali por acaso, mas porque sabem também, querem mostrar o seu valor. Diferente das mulheres mais maduras do grupo que tocam, mas que permanecem caladas. Pode-se observar também uma questão de geração. Matilda inclusive diz em entrevista que se existisse uma folia só de mulheres ela seria melhor que a dos homens porque as mulheres se empenham em fazer as coisas bem feitas:

Entrevistadora: E como você acha que seria uma folia só de mulher?

Matilda: Ah seria bom. Eu era a primeira a entrá...

[risos] [...]

Entrevistadora: E como que você acha que iria ser? Seria diferente das folias que a gente tem hoje?

Matilda: Mulher faz as coisa mais perfeita, né?!⁸

Dessa forma, as mulheres mostram que estão atentas e se colocam inteiras naquela atividade, até como de forma inconsciente, de mostrar que não são inferiores aos homens e que a devoção não tem gênero.

Considerações finais

A partir desse pequeno estudo se clarifica que as mulheres sempre participaram da Folias de Reis. No passado, no presente e provavelmente no futuro. O que muda é a sua área de atuação. Se no passado ficavam por conta das atividades invisibilizadas, mas imprescindíveis para a promoção da festa, hoje já dirigem grupos, cuidam de questões burocráticas, participam do ritual enquanto folionas, e ainda continuam atuando nos bastidores nas tarefas organizacionais invisibilizadas.

E mesmo no passado pode-se identificar uma figura feminina proeminente, que não atuava só na esfera dos serviços prestados à folia em termos de organização, mas também na esfera das sabedorias, que se engendra a partir do conhecimento de grande volume de profecias, além de todo conhecimento acerca da ritualística. Belmira é essa figura, que nascida e criada imersa nesse universo, aprendeu e ensinou, sendo veículo da tradição nunca inerte. Sempre viva e em atividade mutante, que se altera para nunca perder aderência no seu contexto social. Modifica-se, mas sempre respaldada pela plausibilidade mítica. Tudo que for plausível miticamente é passível de alteração, e se o mito apresenta lacunas, é possível preenchê-las através da criatividade popular sem perder a essência da festa.

⁸ Entrevista com Matilda em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

Na atualidade temos outras representantes que ocupam o espaço aberto miticamente. Ou será que foi o mito que veio justificar essa fenda aberta pelas mulheres no seio de uma composição androcêntrica? A ordem dos fatores, embora significativa em termos de conquistas femininas, não implica na apreciação do produto final, que é o embrionário empoderamento feminino dentro de estruturas falocráticas, em contextos sociais tradicionalmente patriarcais, que tendem ao imobilismo, corroborado por uma estrutura religiosa hierárquica e pretensiosamente perene. Luíza é uma dessas representantes. Que vem mostrar que a devoção e a vontade de homenagear o seus santos não tem gênero. E dá vez e voz às suas netas, comadre e cunhada dentro da estrutura ritual da folia, ainda ocupada majoritariamente por homens.

Todo esse cenário de mudanças acena que estruturas perenes não são eternas e que a tradição se faz mais forte se flexível. A tradição perdura se não for dura, permeia se for permeável e adere se for porosa.

Referências Bibliográficas

BIRMAN, Patrícia. “Mediação feminina e identidade pentecostal”. In: **Cadernos Pagu**, n. 6-7, Campinas, pp. 201-226, 1996.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. **Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reiso Mestre Tachico**/ Rio de Janeiro: UFRJ/ MN/ PPGAS, 2003.

CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na igreja e na política**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LCT, 2008.

PROENÇA, Wander de Lara. “Observação participante”. In: **Revista Antropos**, vol. 2, ano 1, maio de 2008.

SCHMIDT, MAHFOUD, Maria Luisa Sandoval, Miguel. “Halbwachs: memória coletiva e experiência”. In: **Revista Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2. São Paulo, 1993.

STEIL, Carlos. “Catolicismo e cultura”. In: VALLA, Victor V. (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001. pp. 09-40.